

M. DE VIGNY

SERVIDÃO E GRANDEZA MILITARES* (Fragmento)

Em tempos antigos, ou mesmo sempre, numa sociedade em início de formação, a poesia, longe de ser uma espécie de devaneio individual e de mania nobre, como se vê nas sociedades avançadas, foi uma faculdade humana, geral, popular, tão pouco individual quanto possível, uma obra sentida por todos, cantada por todos, criada evidentemente por alguém, fruto de uma inspiração só no início, e logo em seguida apropriada e modificada pelo povo da tribo, da nação.¹ À medida que a civilização avança, que a sociedade se organiza e se aperfeiçoa, a poesia, primitivamente dispersa, concentra-se em alguns espíritos e se individualiza cada vez mais. Há um momento formidável em que a elite, se não o conjunto de uma sociedade, permanecendo ainda capaz de participar da obra poética, mas apenas pelo interesse que ela lhe traz; aquela obra acabada, bem elaborada, é posta à sua disposição por indivíduos privilegiados que adquiriram e desenvolveram a arte de seduzir com profundidade, de ensinar com encantamento. Passadas essas épocas gloriosas que um conjunto de circunstâncias produz, muitas vezes durante séculos, o interesse geral e social se dispersa, se afasta mais e mais das obras eminentes de poesia, que multiplicam todavia a educação, o

* Título de obra de Vigny (publicada em 1835). No original, *Servitude et grandeur militaires*. A tradução brasileira, feita por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda, saiu em 1960, pela editora Biblioteca do Exército. A tradução do texto de Sainte-Beuve aqui apresentada foi feita a partir da seguinte edição: SAINTE-BEUVE, C. A. *Nouveaux portraits et critiques littéraires*. Tome III. Bruxelles: Societé Belge de Librairie, Etc. Hauman, Cattoir et C^e., 1836. Tradução livre por José Américo Miranda e Nilton de Paiva Pinto, que agradecem a atenção e as sugestões do prof. Alex Sander Luiz Campos. Machado de Assis possuía, em sua biblioteca, muitos volumes da obra de Sainte-Beuve, inclusive 5 volumes dos *Portraits contemporains* (em edições de 1870 e 1871).

¹ O crítico faz aqui uma oposição entre a “inspiração” (que é individual), ponto de origem da poesia (afinal, alguém há de ter cantado “a poesia” ou “o poema” sozinho pela primeira vez), e a apropriação dela pela “coletividade”.

exemplo, o capricho das imaginações precoces e superexcitadas. Os acasos da moda, a mobilidade dos sistemas e dos gostos, substituem as garantias e as consagrações certas da glória. O artista sofre e chega, à primeira vista, sob o peso dos séculos precedentes, mas também sob seu aguilhão, a um mundo em que os primeiros papéis da poesia e da arte estão tomados e de qualquer modo usurpados pelos antigos. Esta dificuldade, como é comum nas naturezas generosas, não faz senão incitá-lo; ele se esforça; ele faz recuar, ele luta para abrir seu caminho; às vezes se esforça por desconhecer, às vezes por recuperar. Ele busca no céu e na terra espaços ainda inexplorados, um lugar onde colocar sua estátua como num cemitério já atravancado. Ele sonda as profundidades, ele se lança às alturas. Cada geração de jovens esbanja assim sua flor mais delicada nesses empreendimentos cheios de ansiedade, contraditórios, sempre interrompidos e sempre retomados. O número dos poetas, dos artistas *in petto*, apesar da sociedade e sem que ela saiba, aumenta numa progressão assustadora, ao mesmo tempo que os amplos caminhos fáceis e as saídas possíveis parecem diminuir. Na primeira forma de sociedade, entre os Klephtes, entre os montanhese das Astúrias, por exemplo, cada indivíduo era mais ou menos poeta, cada um dirigia ao céu seu poema ou sua canção, e vivia assim melhor e mais alegremente, com todas as saudáveis e enérgicas capacidades da alma e do corpo. Aqui, nesta outra fase extrema da sociedade, cria-se uma situação inversa. A faculdade poética que, nas épocas intermediárias, foi paulatinamente enfraquecida e abrandada em muitas organizações dedicadas a outras ocupações, mas preservada em algumas altas organizações da elite, aquela faculdade retorna, numa espécie de recrudescência, e se desloca, instala-se num número cada vez maior de espíritos jovens. Ela retorna, não mais como faculdade feliz e natural, mas como uma doença penetrante, sutil, um tormento mais que um dom, um orvalho amargo em têmporas doloridas. A sutileza ingênua dessas almas sensíveis, apaixonadas, santamente ambiciosas, em oposição à atmosfera adversa em que elas vivem, se altera logo e contrai quase infalivelmente uma irritação, uma agrura oculta, que passa à arte, e que a serenidade das belas obras antigas não conhecia. As obras novas, que surgem dessas lutas infundáveis, desses mundos interiores feitos de sofrimentos, de análises, de pormenores, podem ser belas ainda, belas como donzelas criadas e aprisionadas nas angústias, belas da brancura dos mármore, de compleição azulada, com veias, peroladas e nacaradas, mas sem certa vivacidade primitiva e saudável.

Se as obras da poesia primitiva, que ainda não alcançou certo grau de cultura, podem-se comparar a frutos silvestres, muito azedos ou às vezes doces demais, produzidos espontaneamente, sem cultivo, por árvores expostas aos ventos; se em meio a essa natureza agreste, alguns grandes poemas sublimes, criados não se sabe a partir do quê, parecem frutos caídos dos fabulosos jardins das Hespérides; se as obras da poesia regularmente cultivada são como esses magníficos frutos saborosos, amadurecidos e colhidos nos pomares das nações poderosas e dos reis, pode-se dizer que as obras dessa poesia das épocas obscuras e já arruinadas não são *frutos*, a bem dizer, são produtos raros, talvez preciosos, mas não nutritivos. Há nas flores cores brilhantes e belezas que são verdadeiras degenerescências disfarçadas. A pérola, tão cara aos poetas, não é outra coisa, diz-se, senão uma produção doentia de um habitante das conchas submarinas, que restauram, como podem, sua carapaça rompida. O incenso, não menos caro à poesia, e que por seu perfume lembra muito bem aquele de certas obras misticamente requintadas de que vamos falar, o incenso, ele próprio, não passa de uma aberração da seiva verdadeira, riqueza que se exala lentamente de uma ferida, e dolorosa sem dúvida ao tronco que o secreta. Se a arte, a poesia, jamais se devem dizer produto precioso de um mal interno, não é da arte, da poesia de Homero e de Sófocles, nem da de Dante, nem da de Shakespeare, de Molière e de Racine, que se pode dizer isto: esses tipos de poesias, ainda que pareçam muito trabalhadas, continuam sendo o rico e feliz coroamento da natureza, *ramis felicibus arbos*; mas é bem da poesia de Jean-Jacques, de Cowper, de Chatterton, já do Tasso, de Gilbert, de Werther, de Hoffman, e de seu músico Kreisler, e de seu pintor Berthold da *Église des Jésuits*, e de seu pintor Traugott da *Cour d'Arthur*; é de todas essas poesias, e é também daquela de Stello, que se pode legitimamente dizê-lo.

M. de Vigny não foi apenas, no *Stello*² e no *Chatterton*,³ o mais fino, o mais sutil, o mais comovente monógrafo e pintor dessa incurável doença do artista de épocas como a nossa, ele foi e é poeta; ele começou por ser poeta puro, entusiasta, confiante, poeta de uma **poesia loura**⁴ e ingênua. Esse escalpelo que ele empunha tão bem, que ele

² Romance de Alfred de Vigny (1797-1863), publicado em 1832: é, ao mesmo tempo romance, ensaio, diálogo filosófico, obra íntima e “espécie de poema épico sobre a desilusão”, segundo Vigny. *Stello* é uma obra compósita e inclassificável, que põe em cena o *Docteur Noir* e *Stello*, seu paciente, inclinado ao tédio (spleen) e à neurastenia. Ver: <<https://www.wook.pt/livro/stello-alfred-de-vigny/7663028>>.

³ Peça teatral de Alfred de Vigny, encenada no mesmo ano da publicação de *Servitude et grandeur militaires* – ou seja, em 1835.

⁴ Expressão citada por Machado de Assis. Negrito nosso.

dirige com tanta segurança ao longo das mais discretas nervuras do coração ou da frente, ele o conquistou tarde, depois da espada, depois da harpa; ele tentou ser, entre todos os de sua idade, poeta antigo, bardo bíblico, cavaleiro-trovador.⁵ Que ferimento profundo o fez mudar de rumo? Como a afecção, o mal sagrado da arte, o conhecimento paulatino da vida, o conduziram gradualmente a essa transformação ou pelo menos a essa junção do poeta com o sábio, daquele que canta com aquele que analisa? Que rede de dores íntimas e inexplicáveis desenhou nele todas essas fibras ramificadas e sutis do poeta sofredor que ele devia mais tarde revelar? Para nós, que o admiramos em ambas as formas e que esperamos que uma delas não anule irrevogavelmente a outra, nós tentaremos segui-lo em sua bela vida de poeta disfarçado e complicado; segui-lo desde o ponto de partida até sua obra nova de hoje.

⁵ Na obra poética de Alfred de Vigny há um “livro antigo” (antiguidades bíblicas e homéricas), e um “livro moderno”.